

ANTROPOLOGIA Genes achados em esqueletos de Pernambuco apóiam tese de que diversidade era maior antes da conquista

DNA revela índios desaparecidos no Brasil

REINALDO JOSÉ LOPES

ENVIADO ESPECIAL A ÁGUAS DE LINDÓIA

Um grupo de pesquisadores da UFPA (Universidade Federal do Pará) encontrou uma linhagem de DNA desconhecida nas Américas nos ossos de índios nordestinos que viveram há quase 2.000 anos. O achado indica que a diversidade genética dos nativos

americanos foi muito maior antes do descobrimento e pode ajudar a confirmar a hipótese de que povos biologicamente bem distintos colonizaram o continente.

De acordo com a geneticista Ândrea Ribeiro-dos-Santos, 33, do Centro de Ciências Biológicas da UFPA, a linhagem de DNA recém-descoberta só é encontrada hoje no sudeste da China.

“Ela aparece entre os han [principal grupo étnico do país]”, afirmou a cientista à Folha durante o 48º Congresso Nacional de Genética, em Águas de Lindóia (interior de São Paulo).

As amostras saíram de nove esqueletos encontrados no abrigo rochoso de Furna do Estrago, em Pernambuco; e têm entre 1.600 e 1.900 anos de idade.

O material genético em questão é o DNA mitocondrial, encontrado nas mitocôndrias (as usinas de energia das células).

Diferentemente da maior parte do material genético humano, que fica no núcleo das células, o DNA mitocondrial não se mistura durante a fecundação. É transmitido fielmente da mãe para os filhos. Por isso, serve como uma espécie de “etiqueta” genética das populações — descendentes de uma mesma mulher o compartilham (veja o quadro abaixo).

América que incluiria dois povos de aspecto bem distinto: um com traços que lembram os atuais africanos e australianos e outro com traços mongolóides, que teria dado origem aos índios de hoje.

Medições em crânios americanos com mais de 8.000 anos, entre eles a célebre Luzia (de 11.500 anos), apóiam a tese de Neves. Mas, até agora, os geneticistas não haviam encontrado evidências a favor dela — os índios atuais são geneticamente parecidos e nada levava a crer que pudesse ter sido diferente no passado.

O geneticista de populações Sandro Bonatto, da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio Grande do Sul, confessou que não acreditava que um novo grupo mitocondrial fosse aparecer.

“Claro que houve perda da diversidade. Mas a gente imaginava que, se uma determinada tribo perdia uma linhagem, seria improvável que a mesma linhagem se perdesse em todas as outras tribos do continente”, afirmou Bonatto, co-autor de um estudo recente que usou o DNA mitocondrial para estimar em 20 mil anos a chegada do homem à América.

“Por isso, essa nova linhagem é inesperada, apesar da perda da diversidade. O difícil é dizer qual será o efeito disso na reconstrução do povoamento”, afirmou o geneticista gaúcho.

A descoberta foi comemorada pelo antropólogo Walter Neves, da USP. Ele é o principal defensor de um modelo de povoamento da

América que incluiria dois povos de aspecto bem distinto: um com traços que lembram os atuais africanos e australianos e outro com traços mongolóides, que teria dado origem aos índios de hoje.

O geneticista de populações Sandro Bonatto, da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio Grande do Sul, confessou que não acreditava que um novo grupo mitocondrial fosse aparecer.

“Claro que houve perda da diversidade. Mas a gente imaginava que, se uma determinada tribo perdia uma linhagem, seria improvável que a mesma linhagem se perdesse em todas as outras tribos do continente”, afirmou Bonatto, co-autor de um estudo recente que usou o DNA mitocondrial para estimar em 20 mil anos a chegada do homem à América.

“Por isso, essa nova linhagem é inesperada, apesar da perda da diversidade. O difícil é dizer qual será o efeito disso na reconstrução do povoamento”, afirmou o geneticista gaúcho.

A descoberta foi comemorada pelo antropólogo Walter Neves, da USP. Ele é o principal defensor de um modelo de povoamento da

Documentação

Fonte: FSP (ciência)

Data: 25/9/2002 Pg: A16

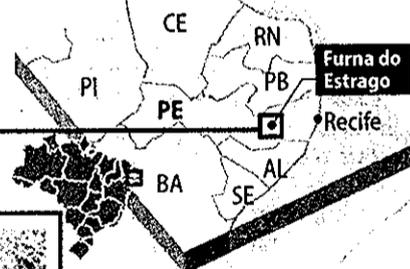
Class.: 33

GENTE NOVA NA FAMÍLIA

Editoria de Arte/Folha Imagem

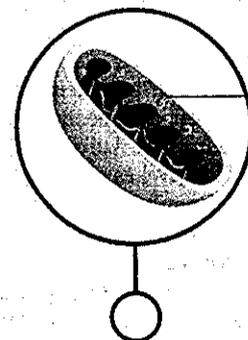
Análise de esqueletos nordestinos revela nova linhagem de DNA nas Américas

1 Os pesquisadores examinaram o material genético das costelas de nove indivíduos que morreram há quase 2.000 anos no sítio de Furna do Estrago (PE)



Pinturas rupestres do sítio pernambucano

2 O alvo eram as mitocôndrias, estruturas que produzem energia dentro das células e que possuem DNA próprio. Elas são transmitidas apenas da mãe para os filhos, e seu DNA não sofre mistura durante a fecundação, servindo de etiqueta genética da linhagem materna



3 Até hoje, achava-se que só existissem cinco grupos de DNA mitocondrial entre os nativos americanos, chamados de A, B, C, D e X. Contudo, os geneticistas acharam um grupo inédito, o M, que hoje existe também no sudeste da China

4 O estudo sugere que a diversidade genética no continente já foi muito maior